

Como eu começo a falar da palavra ‘ruído’...

Eduardo Kives, Porto Alegre, 2017

O tema deste Ecos: *Ruídos na escuta: inícios da clínica*. Pois bem, não preciso ter a pretensão de saber por onde começar. Aliás, “por onde começo?”. Não foram poucas as vezes que me endereçaram essa pergunta, mesmo em minha parca experiência clínica. Como eu lhes pedia, repetidamente, aos pacientes que eu escutava, que se guiassem por - ou tentava, de algum modo, transmitir - aquilo que Freud elevou ao estatuto de uma regra da clínica psicanalítica, penso não haver nada mais justo do que, aqui, colocar-me a mim a mesma regra, e tentar, eu também, proceder pelo livre associar.

A primeira coisa que me ocorreu ao pensar na palavra ‘ruído’ foi a noção de sujeito. Lembrei-me da professora Marta D’Agord, minha orientadora em uma pesquisa na universidade, que insistia: o sujeito é a sujeira do experimento. Essa fórmula, que, a partir de então, sempre bastou para mim, me encantou, porque está de acordo com aquilo que acredito ser o melhor do espírito científico, ou seja, aquilo que, seguindo a linha de sua própria cientificidade, não se desespera em tentar inserir a psicanálise em um ideal de ciência, mas, ao contrário, pode com ela conversar. Tratar-se-ia, em outras palavras, de uma ciência que não se propõe como saber absoluto, e composta por teorias que são sempre teorias ainda não falseadas, como queria Karl Popper.

Não foi essa, contudo, a posição do professor Ivan Izquierdo, no Congresso Mundial do Cérebro, Comportamento e Emoções em Buenos Aires no ano passado, ao comunicar que [cito]: “(...) *a psicanálise foi superada pelos estudos em neurociência, é coisa de quando não tínhamos condições de fazer teste, ver o que acontecia no cérebro. Hoje a pessoa vai me falar em inconsciente? Onde fica? Sou cientista, não posso acreditar em algo só porque é interessante*” [fim da citação]. Izquierdo, em seu discurso, é essencialmente arrogante. Sua arrogância, porém, nos remete a pelo menos duas coisas

a respeito da dívida que a psicanálise tem para com a ciência, desde a sua criação. A primeira é que a psicanálise só poderia operar sobre um sujeito afetado por um mundo científico em que o sentido foi abolido, o que vai na contramão da atitude corrente de fazer da ciência um novo Deus. A segunda é que este sujeito - sujeito do inconsciente - só pode ser concebido em consonância com a matematização da física, em que a pergunta se desloca - de Aristóteles a Galileu - de um “como?” restrito à observação do fenômeno para um “por quê?” demandado à matemática (por exemplo, a observação convencia os homens de que a Terra era plana, mas os cálculos exigiam que fosse redonda). *Onde fica o inconsciente?*, portanto, é uma pergunta que, se tem como objetivo deslegitimar a psicanálise, não condiz com o movimento da ciência nos últimos séculos, principalmente se recordarmos a poderosa imagem de Einstein, sentado em seu escritório, e pensando livremente - desvendando o universo com um lápis e papel.

Mas eu tinha falado que, ao pensar na palavra ‘ruído’, havia-me ocorrido a noção de sujeito. Vou esclarecer o sentido que faço disso, retornando, em minha associação, ao professor Izquierdo - mais especificamente, a um livro seu, *Silêncio, por favor!*, que consiste no que se poderia chamar uma semiologia do ruído. No capítulo intitulado *Ruídos que vêm de dentro*, em que aborda o tema da ansiedade, Izquierdo (p. 45) escreve: “*Os psicólogos e psiquiatras sabem diagnosticar com facilidade a ansiedade patológica aguda ou crônica em suas diversas formas. Trata-se com psicoterapia, que ambos os profissionais podem fazer, e com remédios denominados ansiolíticos, que os médicos, psiquiatras ou não, podem receitar. Hoje há ansiolíticos muito eficazes, e vários dos mais modernos praticamente não causam nem intolerância tampouco dependência. Podemos, então, graças ao tratamento apropriado, nos ver livres do ‘ruído que vem de dentro’, causado pela ansiedade*”. Apesar de o interesse de Izquierdo reduzir-se estritamente a terminar com o ruído, eu encontrei nesta imagem algo fascinante: o ruído do sujeito, ou

se se quiser, que este ruído é o sujeito, pois se faz presente justamente naquele ponto que mais lhe diz respeito, ao ponto de sua origem, da qual está excluído. Por isso, também, ponto de angústia, que, justamente por não caber na palavra, tem como efeito que se siga falando.

Se agora eu tivesse acesso a algum recurso cinematográfico, eu pediria que, neste momento de meu discurso, houvesse um ruído. Em todo caso, imaginem. O sinal cai, a televisão fica chiando. Alguém aperta *off* e a tela é tomada por um pretume. Liga-se novamente a tevê, desta vez em outro canal.

Dois cenas me ocorrem. Na primeira, estou sentado ao lado de um menino. De repente, ele se levanta e me abraça. Eu fico estático, olhando para outro lugar, sem me deixar tomar pelo abraço. Ele me larga e se senta. Nós dois, então, ambos voltamos a fazer o que parecia que estávamos fazendo, a comer uma fatia de bolo. Este bolo... é o bolo de minha despedida! Sim, claro, após seis meses de convívio, este é meu último dia com esse menino. Ele se levanta novamente. Vai até mim e me abraça. Dessa vez, retribuo o abraço. Segunda cena: Novamente, eu e um menino, dessa vez brincando. Aos poucos, ele vai parando de brincar. Tenho a impressão de que, à medida que o tempo passa, vamos conversando cada vez mais diretamente, sem a proteção fornecida pelos meios indiretos de falar. É algo importante que acontece ali. Algo que não suporta ser interrompido, quando chega a hora de terminar. Ele é tomado por raiva. Tenta destruir seus desenhos, tenta destruir a sala, e tenta destruir a mim. Um chute e um soco. Fim de cena.

Estas duas cenas, a primeira vivida em meu primeiro estágio, na Fundação de Atendimento à Deficiência Múltipla, e a segunda vivida em um atendimento aqui na SIG, são cenas finais, cenas derradeiras de meu encontro com alguém, seja, no primeiro caso, porque eu estava deixando o estágio, ou, no segundo, porque, no que se seguiu, pais e criança não retornaram ao tratamento.

A primeira delas eu guardo para mim, até hoje, como uma espécie de cena inaugural. Explico-me, pois, procedendo como no relato de um sonho, em que progressivamente vamos lembrando, e acrescentando novos elementos. Então naquela cena, na primeira vez em que o menino me abraçou, eu não considerei aquilo um abraço. Estático, o outro lugar para onde olhei, foi para um chapéu de caubói. Sim! Tínhamos entre nós uma brincadeira em que ele subia nas minhas costas e saíamos à trote pela instituição, interpelando outras pessoas a fim de realizar alguma missão. Só que essa brincadeira tinha um código, como eu lhe indicava: só começava se ele usasse o chapéu. Quer dizer, meu corpo não estava absolutamente a serviço dele, e sim a serviço do brincar. Digo isso porque, como se tratava de um menino que (em certo sentido) escolhera não falar, quando ele queria brincar ele me puxava, me abaixava e tentava subir em mim direto. Por isso olhei para o chapéu. Será que era daquilo que ele queria brincar? Mas, em seguida, olhei para os outros sentados à mesa - porque havia outras pessoas sentadas à mesa, outras crianças também, comendo aquele bolo de despedida. Ninguém falou nada, e a tensão rolou no ar, como pano de fundo àquele ato espantosamente espontâneo. Foi apenas na segunda vez em que ele me abraçou, que me lembro então de ouvir a Camila, que era a educadora de referência deste grupo de convivência, dizendo: “É, eu acho que é um abraço”. E eu o abracei.

Bom, fiquei pensando, e se eu tivesse ido embora após o primeiro abraço? Aqui eu poderia responder o óbvio: o segundo abraço não teria se produzido. Pois ele foi produzido de acordo com o modo como a cena foi conduzida por aqueles que estavam presentes, que escutaram o que viam, e que deram tempo ao tempo para que o ato do sujeito se vinculasse a uma ou outra significação. No entanto, é muito mais radical pensar que, se eu houvesse ido embora após o primeiro abraço, nem mesmo este primeiro abraço teria se produzido, já que ele nem mesmo seria um abraço, dado que se tornou um abraço

apenas retroativamente, devendo ao segundo abraço, que a ele se seguiu, a sua significação.

Na segunda cena, que vivi aqui na SIG, como eu contava, não se tratou de um abraço, e sim de um soco. Eu digo, fenomenologicamente um soco. Dói mais, mas a verdade é que eu não sei o que significa. Hipóteses já criei várias, mas fico nisso. E fico nisso, antes de tudo, pelo respeito ao modelo de causalidade que concerne à clínica psicanalítica, em que a causa é buscada *a posteriori*. Me explico. No modelo científico, a causalidade é *a priori*: espera-se que as leis que formam uma teoria científica possam prever o desenrolar do fenômeno. Mas, na psicanálise, evita-se justamente transmitir, no tratamento, essa dimensão do *a priori*, que captura o sujeito em um destino dado de antemão. Ao contrário das pretensões da ciência, parece que em psicanálise, na grande maioria das vezes, não se sabe exatamente o que se está fazendo, ou melhor, não se sabe aonde *isso* vai dar. E, inversamente, quando alguma coisa acontece, pretensamente como efeito do tratamento, nunca se tem êxito em isolar sua causa. Quer dizer, a causa procurada *a posteriori* fica, a rigor, sempre no registro da especulação.

Eis, pois, minha ponte de conexão: quando os canais da tevê se misturam, sem, todavia, eliminar totalmente o ruído. Sem, portanto, que componham uma melodia definida, já que o ruído não tem notas, como um piano ou um violão. Eu diria, até, que é essa qualidade de algumas televisões, a de manter sempre algum grau de ruído, que convida muitos a cair no sono. Para alguns, funciona um ventilador, ou o barulho do ar-condicionado - é o que se chama, em acústica, ruído branco. No sentido que estou propondo, quer dizer que estas pessoas se conciliaram com a indeterminação no íntimo do seu ser... Só que não. Essa figura não se sustenta, porque o adormecimento propiciado pelo ruído branco se deve sempre ao escamoteamento de outros ruídos, que, em nosso

ambiente, encontram-se em ação. Enfim, o que também nos ensina que, se nesta vida encontramos alguma paz, ela é certamente uma paz ruidosa.

Em todo caso, retorno ao tema do ruído porque, ao pensar essas cenas finais, o que importa para mim é pensá-las no sentido daquilo que escapa à significação, em contraposição às expectativas do jogo científico, pois, como dizia minha professora, o sujeito é a sujeira da experimentação.

Em psicanálise - quero começar a concluir dizendo isso - não tem vácuo. Ou seja, não há este lugar ausente de matéria em que não se propaga o som. Pois a ausência com que se trabalha é outra – e não a do vácuo, que impede o ruído e impede o som. É mais a ausência do eco, que é um fenômeno que necessita de certo esvaziamento do ambiente para que ocorra a sua propagação. Dito de outro modo, certa retirada daquele que escuta se faz necessária para que aquele que é escutado escute seu próprio inconsciente que vem à tona no ato de enunciação. É um caso, me parece, daquilo que Sponville, em seu livro *O amor*, chama ‘amor-ágape’, que é um termo grego que foi utilizado especialmente para a tradução, neste idioma, do amor de Deus no Novo Testamento cristão. Trata-se de um amor que consiste em que uma das partes existe menos para que a outra parte possa existir mais. Fazendo uma paródia, eu diria: ‘amor-abstinência’ - o que constitui, a meu ver, outro ponto em que psicanálise e ciência exibem suas diferenças. Nesta, pelo menos idealmente, o desejo do cientista pode estar ausente; ou melhor, espera-se que ele esteja ausente, e que não comprometa o resultado do experimento. Em psicanálise, porém, a ausência, que é na verdade uma abstinência, não se dá, isto também idealmente, sem muito investimento e afeto. E é isso, para mim, mais do que as incertezas de seu modelo de causalidade, que torna difícil, na psicanálise, o momento de se retirar.

Finalmente, não é por acaso que escolhi, agora no final, falar de Sponville e do tema do amor. Sem ter espaço para maiores desenvolvimentos - pois, como estou tentando

dizer, eu tenho que me retirar - queria terminar com algo que espero um dia retomar, que é propor que o amor poderia servir como um balizador para a clínica, assim como a regra do livre associar. Talvez, quem sabe, se for considerado no sentido em que Winnicott diz que a psicanálise é uma manifestação sofisticada da experiência do brincar. Por que não, também, do amar?

Referências Bibliográficas:

IZQUIERDO, Ivan (2002). *Silêncio, por favor!*. Editora Unisinos: São Leopoldo.